

Infelizmente não encontramos na leitura dessa monografia aquilo que esperávamos. O Autor podia — com o fôlego que o caracteriza — ter ido bem além dos limites em que se situou. Depois do livro de Clovis Caldeira (resenhado por Egon Schaden nesta revista, vol. 5.º, n.º 1, junho de 1957, pág. 104), qualquer outro estudo sobre o mutirão deveria — pelo menos em tese — descer um pouco mais verticalmente na análise da instituição. No caso em tela, o Autor ficou — ou pretendeu ficar — pelo Nordeste, numa inexplicável modéstia, muito embora, em certos aspectos, ou na maioria deles, tivesse focalizado a ajuda mútua num plano horizontal, como por exemplo, ao analisar, na introdução, o “rendimento econômico”, inclusive no estrangeiro, citando os trabalhos de George Gowan e Herskovits, sobre a cooperação no México. Entretanto, nada disse sobre o rendimento econômico dos mutirões no Nordeste. Faz o mesmo ao abordar a “natureza jurídica do mutirão” (pág. 16), como, ainda, ao estudar a “organização” (pág. 24) ou a “incidência geográfica” (pág. 38). Em todos êsses itens, o Autor fugiu do seu Nordeste, incursionando, às vêzes, pelas demais áreas geográficas do Brasil e, outras, para bem longe das nossas fronteiras. Digam-se de passagem que nessas incursões o leitor encontra aqui e ali fatos bem interessantes.

Outro aspecto que merece ser ressaltado como exemplo ainda da fuga, do Autor, ao tema proposto, é aquêle em que se entusiasma ao delimitar ou configurar o Nordeste (págs. 18 a 23), encaixando conhecimentos demográficos completamente desnecessários ao estudo do mutirão. Igual comportamento encontramos no capítulo III, quando focaliza a “cooperação de tipo não contratual”. Aqui, então, o Autor foge ainda mais do título que deu à monografia. Seria bem mais aconselhável que o Professor Hélio Galvão estudasse somente a instituição — que conhece tão bem — sem se preocupar com o seu amado Nordeste. Pelo menos, seria mais coerente.

No restante do trabalho, encontramos algum material novo. Os cantos folclóricos, muitos deles improvisados nos mutirões — como aquêles levantado em Goiás (pág. 30) — justificam a publicação. Através dêsses cantos podemos apreciar a rica sinonímia da instituição, variando as denominações de Estado para Estado, de país para país e também consoante as diferentes finalidades do mutirão. É preciso que se diga, entretanto, que, ao chegar-se ao final da leitura da monografia, fica-se esperando algo mais, que não foi escrito...

Completam o presente trabalho as 122 “notas” do Autor (págs. 63-69), algumas delas explicativas e, logo a seguir, as “referências bibliográficas” (págs. 71-75), enumerando 83 fontes, quase tôdas bastante significativas.

Analisando-se a monografia no seu conjunto, somos forçados a classificar o trabalho do Professor Hélio Galvão como pouco profundo, divorciado do título que o encima e pobre como produto de pesquisa científica, notadamente no que diz respeito ao mutirão no Nordeste.

J. V. Freitas Marcondes

ROBERT F. MURPHY e BUELL QUAIN: The Trumáí Indians of Central Brasil. XII + 108 págs. Monographs of the American Ethnological Society. J. J. Augustin Publisher, Nova Iorque, 1955.

A tarefa de estudar os indígenas brasileiros torna-se cada vez mais urgente, devido à rapidez com que se processa a desintegração sócio-cultural dos grupos, em contacto contínuo ou intermitante com o homem bran-

co. Tal é o caso das tribos do Alto Xingu, algumas das quais na iminência de extinguir-se, o que levará à perda de precioso material de interesse científico. Revestem-se, por isso, de especial importância os estudos que abordam grupos xinguanos com pequeno número de sobreviventes, derradeiros portadores de sua cultura.

O trabalho sobre os Trumai representa valiosa conquista para a Etnologia Brasileira. As observações datam de 1938, quando o grupo, com seus 48 representantes em uma única aldeia às margens do rio Kuluene, conservava traços de sua cultura suficientes para ser estudado como uma entidade tribal. Buell Quain esteve nessa aldeia de agosto a novembro daquele ano, mas não pôde terminar o trabalho de campo em virtude de sua morte no ano seguinte. Observador sério e objetivo, mas que somente no fim de sua estada dominava a língua da tribo, deixou apenas apontamentos incompletos sobre o sistema cultural dos Trumai. O material foi ordenado e elaborado por Robert Murphy, quase duas décadas de anos depois, com o intuito de apresentar uma descrição, na medida do possível, coerente.

Além do prefácio de Charles Wagley e da introdução de Murphy, o livro contém os seguintes capítulos: A área do Alto Xingu, Subsistência e Tecnologia Trumai, Organização Social Trumai, Crenças e Práticas Religiosas, O ciclo de vida, Morte de uma cultura, bem como um apêndice com trechos de uma carta de Quain a Ruth Benedict, contando suas impressões pessoais sobre a tribo.

Em vista das circunstâncias em que o livro foi escrito, não é de admirar que nele se encontrem formulações hipotéticas ou discutíveis, que têm, ao lado de desvantagens, a vantagem de suscitar problemas.

Duvidosa nos parece a opinião de Murphy de que a prática de feitiçaria entre as várias aldeias do Alto Xingu seria especialmente indicativa do alto grau de integração entre estas, uma vez que, afirma, a feitiçaria em quase todas as culturas é usada somente entre grupos que têm relações interpessoais íntimas (pág. 10). Quer nos parecer que isto não é válido para muitas tribos. Egon Schaden, referindo-se ao conceito de moléstia entre tribos ameríndias, diz que "entre os índios sul-americanos a opinião mais comum sobre a origem das enfermidades é a de que indivíduos maus, **especialmente feiticeiros de tribo estranha** ou até da própria gente, abusam de suas faculdades..." (Aspectos fundamentais da cultura guaraní, pág. 146. São Paulo, 1954. O grifo é nosso). Práticas de feitiçaria ocorrem, pois, não raro entre grupos estranhos.

Ainda, julgamos discutível a assertiva de que os grupos do Alto Xingu constituem, em seu conjunto, uma sociedade (pág. 10). Apesar de haver notáveis semelhanças entre as culturas, resultado de longos anos de relações intertribais, não vemos nisso critério suficiente para considerar populações de origens diversas, vivendo em aldeias independentes e separadas, em contacto esporádico, simplesmente como uma sociedade.

Por outro lado, o trabalho traz informações valiosas para o esclarecimento de certos aspectos, até aqui obscuros, das culturas xinguanas. Assim, por exemplo, a minuciosa descrição da cerimônia do "ole" (mandioca), que tem semelhanças evidentes com a festa do "kuarüp", da qual participam todos os grupos da região, com exceção dos Trumai. Note-se que a cerimônia do "ole" tem como finalidade "assegurar uma colheita abundante de mandioca" (pág. 67), enquanto o "kuarüp" é realizado "em homenagem ao desaparecimento de um cacique de sangue", segundo Y. L. dos Santos ("A festa do kuarüp entre os índios do Alto Xingu", Revista de Antropologia, vol. 4, n.º 2, pág. 111), que informa ser o "kuarüp" precedido

pela festa do "javari", levada ao Xingu pelos índios Trumai. Entretanto, no presente volume nada se diz de tal festa, cuja origem talvez esteja na própria cerimônia do "ole". Seria interessante examinar em que medida existiriam tais relações.

A monografia sobre os Trumai, fonte preciosa e indispensável para a análise deste grupo, é trabalho sério de dois antropólogos que, sem nunca terem travado conhecimento, colaboraram para a existência de um estudo que, ao que tudo indica, será único, pois os Trumai, que em 1953 eram apenas 24, em breve não passarão de um nome a mais na triste lista das tribos extintas.

Rosa Rosemberg Krauss

GILBERTO FREYRE: Problemas Brasileiros de Antropologia, 2a. edição. revista e ampliada. LXXIV + 323 págs. Livraria José Olympio Editôra, Rio de Janeiro, 1959.

Integrando a coleção das Obras Reunidas de Gilberto Freyre, aparece consideravelmente ampliada a segunda edição deste livro de ensaios, que inclui, de mistura, trabalhos vários e heterogêneos, produzidos em épocas diversas e ao sabor das circunstâncias, no espaço de dois decênios de labor intelectual e à margem de toda uma série de obras de maior fôlego. Merece destaque uma nova introdução, de umas quarenta páginas, sobretudo interessante para quem queira ter uma visão melhor das preocupações metodológicas do autor e da maneira pela qual este encara a sua própria posição no desenvolvimento das Ciências Sociais, e da Antropologia em particular, em terra brasileira. Os quinze ensaios enfeixados no volume, escritos quase todos como conferências ou comunicações a congressos científicos, transmitem uma imagem caleidoscópica de aspectos ora gerais, ora regionais, da formação étnica do Brasil e de umas tantas questões de política cultural deles decorrentes. Todos esses trabalhos levam a marca de um pensador de personalidade vigorosa e independente, de um escritor cioso de seu estilo próprio e de sua maneira pessoal de ver as coisas e de colocar os problemas. Em grande parte, ao que nos parece, o caráter positivo da coletânea está no estímulo que representa para o espírito crítico do leitor, do qual não se exige que concorde, sempre e em toda parte, com as idéias expostas, mas do qual se requer uma disposição sadia para ponderar os fatos e os argumentos apontados no texto. É que Gilberto Freyre não pretende, nestes ensaios, levar às últimas consequências a análise dos temas que aborda, nem tratá-los de maneira exaustiva e sistemática. Muito menos dá a impressão de querer dizer a última palavra sobre os numerosos pontos controvertidos ou passíveis de discussão. Ao contrário, serve-se conscientemente de um método de abordagem intuitiva, a seu ver mais adequado à captação, mesmo científica, do que há de original, genuíno e vivo nos fenômenos culturais. Tal modo de proceder defende-o com longa profissão de fé metodológica, em que invoca, a seu favor, os pesquisadores que, justificando o cunho humanístico de certos estudos antropológicos, não vêm como fugir ao subjetivo e à sensibilidade estética em sua tarefa de compreender a natureza das culturas. O antropólogo, mesmo beirando o risco de fazer literatura, não deixará de ser também poeta, unindo a empatia, embora de uso perigoso, ao esforço de objetividade, de que naturalmente não pode abdicar. O que importa é não resvalar para a fantasia ou o capricho pessoal.